

Caro amigo Ferrater Mora

Rio-16-1-56

Não respondi logo a sua carta, acompanhada de seu magnífico prefácio, porque aguardava a plicação do meus dois livros afim de lhe enviar imediatamente os respectivos exemplares. Como o editor, porém, está retardando o apresentação dos livros, resobi não mais protelar a remessa de minha resposta, aguardando talvez para a próxima semana o envio dos duas obras.

Seria desnecessário acentuar a importância de seu prefácio para que os “Elementos” se tornem accesáveis á maioria de seus futuros leitores. Em primeiro lugar, os seus comentários não deixam margem a dúvida sobre a significação da obra e o papel que ela representa na filosofia latino-americana. Em segundo lugar, ficabem claro quais os pontos necetiveis de critica ou que exigem maiores e mais amplos esclarecimentos por parte do autor.

Não seria talvez surpresa para você internar-se de que vários de seus reparos coincidem com os do propio autor sobre aspetos que me parecem fundamentais. O que diz, por exemplo. Sobre o conceito “operacional” da teoria dos universais confirma inteiramente a minha impressão de que este constitui certamente o capítulo mais fraco do livro... Acredito, porém, que a nota (1) da página 102 dos “Elementos” talvez lhe sugire a nova interpretação dos universais que será exposta no livro em preparo “Fundamentos da Filosofia Científica”. Não se trata de tese diferente daquela que foi defendida nos “Elementos”, mas exposta em outros termos e, no meu entender, com muito maior clareza e precisão de linguagem.

No que diz respeito ao problema de redução da filosofia ao método e deste á linguagem, os seus comentários, como sempre, ferem o ponto justo. Na “Introdução”, porém, embora a questão não seja enfrentada frontalmente, existem varias referências as tema em debate. Desejaria conhecer as suas impressão a respeito, pois me parece que no plano general da “Introdução” fica esclarecido que a posição ali defendida, no estudo critico do problemas, [pressujoe?] harmonia pre-estabelecida entre a técnica analítico-linguistica e o método de reflexão sistemática.

Creio, ainda, que essa conciliação se trona clara mesmo nos “Elementos”, porque o verdadeiro sentido da síntese reflexiva seria o de promover a fusão das posição matemático-formal e genético-funcional no plano neutro das estruturas puramente discursivas. O filósofo que recorre á técnica sintético-reflexiva em certo sentido não ultrapassa o mundo do discurso embora tenha sempre em vista que os juízos empíricos integram campo de inquieto diferente daquele que constitui objeto dos juízos analíticos.

Concordo, entretanto, que a matéria deva ser discutida muito mais amplamente, pois ela se presta a [imimeros?] equívocos e interpretação ambíguas. A sua observação sobre as relação entre método e problema é mais do que pertinente. O que eu desejara exprimir, porém, está exposto mais circunstancialmente na “Introdução” a propósito de filosofia analítica. É evidente que a formulação do “método presume certa familiariedade inicial com os respectivos problemas. Mas a questão toda é que a definição precisa do instrumento metodológico pode trazer como consequência a reformulação dos problemas em termos ou moldes tão revolucionários que se toma difícil reconhecer neles os temas primitivos.

A noção de objetividade me parece claramente definida nos “Elementos”, embora reconheça que subsistem ainda vários pontos obscuros no tratamento critico dessa questão. Receio muito não ter contribuído na “Introdução” para resolver os seus justos reparos sobe certos falhos ou insuficiências dos “Elementos”. Na verdade, o meu esforço critico foi mais no sentido de esclarecer o termos dos problemas do que aparentar solução que pudessem satisfazer a espírito argutos e penetrantes como o seu.

Não creio, por outro lado, que tenha dão um salto da posição critica defendida nos “Elementos” para a posição sistemática adotada na “Introdução”. Diria antes que ambos se completam, embora a “Introdução” me pareça construída de uma só peça, em estrutura monolítica. Estou convencido

de que ambas as obras apresentam defeito sérios, apesar de que nenhuma delas foi redigida as pressas, sobre o acicate da improvisação.

Confio, porém, mais na “Introdução” do que nos “Elementos”, embora tivesse redigido a primeira em um apartamento de dois quartos, sem livros para consultar e confiando quase exclusivamente na memória. Voltando da Europa, fui despejado do meu antigo apartamento, sendo forçado a alugar um cubículo onde não cabia a minha biblioteca. Felizmente agora, esta é, há perto de um ano, terminou a construção de minha nova residência, onde me encontro satisfatoriamente instalado.

Estou empenhado no momento em fundado com o apoio do novo governo, um “Instituto de Alto Estudos”. Se o meu plano [...il-legible] de éxito, espero convidá-lo no próximo ano para fazer um curso sobre tendências da filosofia contemporânea. Não confie muito, porém, no que lhe digo, pois nem sempre iniciativas como essa frutificam em meu país.

Seria, entretanto, para mim extremamente agradável tê-lo no meu país como professor visitante durante um ou dois anos. Devo enviar-lhe mais dois volumes, [...il-legible] dos prometidos, afim de que você me faça o obséquio de remetê-lo ao “Fondo de Cultura” do México para a eventualidade de uma tradução.

Sere mais, um vigoroso abraço do amigo e sincero admirador

[Signatura]

P.S. Lembranças á sua esposa e filho. Esqueci-me de acrescentar que a minha referências a Dilthey não é como consta ao seu prefácio. Tomei a liberdade de alterá-la, pois mas, provas dos “Elementos” o pensador alemão foi promovido para segunda parte...